

**A EXPOSIÇÃO ITINERANTE ARQUEOLOGIA DA MORTE.** *Leonardo Napp, Silvia Cope (coordenadora)* – Museu Universitário de Arqueologia e Etnologia do IFCH/UFRGS (MUAE-IFCH/UFRGS).

Como quaisquer dos fatos biológicos pelos quais o ser humano passa (necessidades de alimentação, sexo, excreção, etc.), a morte também é cercada de uma série de interdições, valores culturais agregados e mediações entre o fenômeno biológico e a ação social que variam conforme as diversas circunstâncias e espaços culturais, sociais, étnicos. No entanto, e isto parece óbvio, a morte constitui-se no fato biológico cujo tratamento cultural, seja pela via das formulações positivas – aquilo que se deve fazer a respeito – ou pela via negativa – restrições, interdições – é dos mais intensos. Estas formulações são bastante antigas ao longo da história da humanidade e acompanham as representações que humanidade faz de si mesma desde, pelo menos, o início daquilo que podemos chamar de pensamento abstrato (os sepultamentos talvez sejam das primeiras formas pelas quais possa ser verificada a tomada de consciência a respeito do tempo e do indivíduo). Também é importante perceber que a cultura tautológica é das formas mais importantes de se obter para cada circunstância e espaço cultural as relações entre os indivíduos dentro dos grupos humanos e dos grupos entre si. O grau de convívio/afastamento do homem com a morte, e aqui não se fala apenas dos mortos (existem tentativas de morte social, existem relações entre os indivíduos vivos e os moribundos, etc.) também não é uma relação homogênea, mas varia conforme os mesmos parâmetros anteriormente mencionados. Assim, aquilo que é tido como um fenômeno único e válido para toda a espécie encontra variações bastante grandes no que diz respeito as diversas culturas e sociedades, sendo uma ferramenta importante para a compreensão de estruturas centrais de todas as sociedades humanas.